



LOUVANDO (A DEUS) EM ULPIANO VÁZQUEZ MORO SJ

Praising (God) in Ulpiano Vázquez Moro SJ

Maria Clara Lucchetti Bingemer *

*Vou fazer a louvação
Louvação, louvação
Do que deve ser louvado
Ser louvado, ser louvado
Meu povo, preste atenção
Atenção, atenção
Repare se estou errado
Louvando o que bem merece
Deixo o que é ruim de lado.
(Gilberto Gil e Torquato Neto)*

Iniciar uma “laudatio”, tal como neste momento faço, supõe louvar, ou seja, exaltar, contar coisas boas e belas sobre alguém e sua vida. Trata-se de ritual acadêmico consagrado para aquele ou aquela que caminhou toda uma trajetória de pensamento, ensino e pesquisa e que agora chega à maturidade de sua capacidade e ao reconhecimento pleno de sua biografia. Por isso empregamos aqui o latim: “laudatio”, que significa discurso laudatório, elogio, panegírico.

* Professora titular no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Discurso laudatório proferido em 13 de novembro de 2015 por ocasião da cerimônia do emeritato do Prof. Dr. Ulpiano Vázquez Moro SJ.

O que louva narra, conta história, para justificar o porquê da louvação. E é isso o que vou tentar fazer aqui, narrando a trajetória acadêmica e teológica do Prof. Pe. Ulpiano Vázquez Moro, espanhol que vive há mais de 50 anos no Brasil (com intervalos para o estudo da teologia na Bélgica, Louvain e o doutorado em teologia na Espanha, seu país natal) e que há mais de trinta anos se dedica à docência, à pesquisa e à formação de pessoas na área de sua especialidade, a teologia sistemática.

Ulpiano nasceu em 1944 na pequena e charmosa cidade de Carrizo de la Ribera, em León, Espanha, em uma família numerosa de oito irmãos e irmãs. Muito jovem, com 16 anos, entrou para a Companhia de Jesus, realizando aí toda a trajetória formativa da ordem na qual entrou. O noviciado e o juniorado foram vividos na Espanha, mas já para o estudo da filosofia, Ulpiano vinha de navio e aportava no Rio de Janeiro em 1964, seguindo daí para Nova Friburgo, onde realizou esta etapa de sua formação na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, da Companhia de Jesus. Seu trabalho de conclusão foi realizado sob a orientação do então Pe. Luciano Mendes de Almeida, posteriormente bispo auxiliar de São Paulo, SP e bispo titular de Mariana, MG, com o tema “O ateísmo moderno”.

O magistério foi realizado em sua querida Belo Horizonte, a capital mineira para a qual depois retornou e onde se encontra até os dias de hoje. Naquele momento, seu estágio formativo foi realizado no Colégio Loyola, sendo então reitor o hoje colega e amigo Prof. Pe. Antonio Ruiz de Gopegui SJ. Dali seguiu para o estudo da teologia em Louvain, na Bélgica, onde se formou com um trabalho de conclusão sobre “A escatologia de Mateus”, orientado pelo Prof. Pe. Jean Marie Faux SJ. Também ali seguiu um seminário que o marcaria e à sua vida acadêmica posterior – além de outras dimensões de sua existência – sobre os Exercícios Espirituais com o grande filósofo hegeliano jesuíta Albert Chapelle SJ. O orientador desejava muito que o brilhante aluno permanecesse no campo da filosofia. Porém os superiores tinham outros planos para ele e foi assim que aportou em Madrid, Espanha, para realizar seus estudos de pós-graduação.

Sua dissertação de mestrado foi sobre “Teologia e Ética em Emmanuel Lévinas”, sob a orientação de Alfonso Álvarez Bolado SJ, concluída em 1975. O mesmo Prof. Bolado o orientaria naquela que foi sua tese doutoral, “O discurso sobre Deus na obra de Emmanuel Lévinas”, defendida em 1979 com brilho irrepreensível, recebendo nota 10 unânime da banca examinadora. Foi publicada em espanhol, recenseada em vários periódicos de primeira linha, inclusive nos “Archives de Philosophie” da França por ninguém menos que o grande filósofo jesuíta francês Xavier Tilliette SJ. Em um tempo no qual Lévinas ainda era pouquíssimo co-

nhecido na América Latina seu trabalho foi pioneiro e até hoje constitui uma referência para os estudos levinasianos, seja no campo da filosofia como no da teologia.

Por duas ocasiões voltou ao Brasil para lecionar durante um semestre. Assim foi após o mestrado, em 1974, tendo ensinado na Faculdade Medianeira que a esta altura se encontrava na Vila Santa Fé, situada à Via Anhanguera, São Paulo, a disciplina de Filosofia da Religião. E depois em 1978, quando deu a disciplina que tem sido a sua até este momento, o Deus Uno e Trino, no departamento de Teologia da PUC-Rio. Foi aí que nossos caminhos se cruzaram e tive o grande privilégio de ser sua aluna. Jovem professor, com pensamento sólido e original, abriu diante de nossos olhos maravilhados a maravilha do mistério do Deus comunhão de amor, Pai, Filho e Espírito Santo de forma inspirada e segura. O tratado que causava medo e distância porque não podia ser entendido, mas apenas aceito com uma fé não questionadora foi para nós uma experiência de saber saborosa e profunda, na qual a revelação de Deus emergia a partir da Escritura e dos Padres da Igreja desafiando a razão e aquecendo o coração.

Após o curso, voltou para a Espanha, havendo defendido sua tese doutoral sobre "O discurso sobre Deus em Lévinas" em 1980, voltando imediatamente ao Brasil para reassumir sua cátedra de teologia trinitária ainda na PUC-Rio. Em 1982 inaugurava-se em Belo Horizonte, no antigo Instituto Santo Inácio (ISI) o escolasticado interprovincial e Ulpiano fez parte do corpo docente idealista e entusiasmado que começava aquele novo projeto formador. Iniciou aqui uma intensa atividade de aulas na filosofia e na teologia, orientação espiritual dos jovens jesuítas que aqui estudavam, vindos não apenas de todo o Brasil mas de outras partes da América Latina e trabalho pastoral. A esses três campos de trabalho entregou-se com impressionante intensidade, levando inclusive muitos de nós a perguntarmo-nos como tinha energia para tanto.

Logo se notabilizou pelo imenso carisma e talento para dar os Exercícios Espirituais não apenas a jesuítas e religiosos e sacerdotes, mas igualmente a leigos. As paróquias onde trabalhou, do Conjunto Cristina e São Francisco Xavier, foram um celeiro de leigos que passaram pelas suas mãos e orientação na experiência inaciana. Nos anos 1990 trabalhou igualmente na formação espiritual de leigos no Centro Loyola de fé e cultura da PUC-Rio. Isso implicava em ir uma vez por mês à capital fluminense e criar toda uma "linha de montagem" na formação inaciana para leigos jovens e adultos, profissionais ou estudantes, que primeiramente passavam pelo retiro de iniciação de fim de semana, seguido pelo retiro de oito dias e culminando no retiro de 30 dias em grandes etapas. Nos intervalos entre essas etapas, os leigos que as experimentavam eram acompanhados por

outros leigos que Ulpiano acompanhava de perto e com redobrada atenção e dedicação. Foram mais de cem (100) os leigos que passaram por essa experiência. E muitos deles em seguida começaram a ministrar eles próprios os Exercícios, sendo para isso ajudados pelas coleções e aprofundamentos que Ulpiano continuava dando onde podiam ser orientados pessoalmente por ele.

Aqui na FAJE também realizava e realiza até hoje o mesmo trabalho, dando retiros, tardes e dias de reflexão para leigos, assim como conferências e palestras sobre temas que fazem interagir diversos saberes e várias áreas da cultura: filosofia, literatura, espiritualidade, teologia. E isso é realizado não apenas no campus da Faculdade, mas igualmente em outros espaços, como o Centro Loyola, algumas paróquias da cidade, etc. Sempre o ministério espiritual e pastoral foi por ele aliado ao trabalho acadêmico de docência e pesquisa e igualmente à intensa e exigente orientação de dissertações de mestrado e teses doutorais de vários alunos que passam pela FAJE. Muitos destes doutores por ele formados estão hoje prestando relevantes serviços aqui mesmo ou em outras instituições, apoiados na teologia sólida e viva que com ele aprenderam.

A intimidade com Lévinas que ele conhece como talvez poucos não só no Brasil mas no mundo inteiro o fez conhecer profundamente toda a questão da alteridade e da ética, sendo uma de suas linhas de pesquisa ainda hoje vigentes “Tendências éticas atuais”. Mas Lévinas igualmente o abriu ao pensamento de outros ilustres filósofos da modernidade e contemporaneidade que hoje são leitura obrigatória não apenas para filósofos e teólogos como também para toda e qualquer pessoa que deseje formar-se em ciências humanas. Ulpiano é profundo conhecedor do pensamento de Paul Ricoeur e Jean Luc Marion, entre outros. E outra de suas linhas de pesquisa, “Filosofia contemporânea”, dá testemunho desse conhecimento que ele tem transmitido a tantas gerações de pesquisadores.

O trânsito íntimo e tranquilo que tem com as diversas áreas da cultura o ajudam a fazer ricas interfaces com a teologia, em outra linha de pesquisa que é sua, “Interpretação da tradição cristã no horizonte atual”. Ulpiano tem o talento de confrontar a Revelação e a fé cristãs com questões epistemológicas, culturais, artísticas e literárias de forma única e original. Isso está presente sobretudo em sua produção docente, nas teses doutorais que dirigiu, algumas delas realmente que atingem nível de excelência e resgatam temas de obras literárias e filosóficas para dialogar com a teologia e não menos temas da religião popular dos povos originários latino-americanos, com rica carga antropológica. A antropologia, aliás, tem sido uma das áreas com a qual tem trabalhado intensamente, em contínua e rica conversação com a teologia.

Seus projetos de pesquisa nos últimos dez anos confirmam essa riqueza de um pensar teológico em diálogo contínuo e fecundo com outras disciplinas. Sem nunca abandonar os primeiros amores, como Lévinas, como comprova o projeto “A questão ética e teológica na filosofia de Lévinas”, prossegue seu aprofundamento do tratado da Trindade com o projeto “Influência da Teologia Trinitária na Antropologia Teológica”. Ainda no campo propriamente teológico e em estreita ligação com o tratado da Trindade e o pensar sobre Deus, coordena o projeto de pesquisa sobre “A nomeação cristã de Deus” no qual participam 15 de seus inúmeros orientandos. Assim também o projeto “Grandes figuras da teologia cristã” do qual participa, trabalha o pensar teológico e a práxis eclesial de muitos e ilustres teólogos como Irineu, Orígenes, Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino, Boaventura, Lutero, De Lubac, Jungmann, Daniélou, Karl Rahner, Urs von Balthasar, Schillebeeckx, Karl Barth, R. Bultmann. Integra ainda outro projeto, “A Coleção “Denzinger” das definições de fé e moral”, que investiga sobre esta importante fonte da tradição dogmática católica.

Gostaria de destacar porém outros dois projetos que coordena e que refletem muito da direção dada a sua vida acadêmica durante tantas décadas. Trata-se do projeto “Temas de espiritualidade inaciana” e do projeto “Teologia e espiritualidade jesuítas no século XVI e hoje”. Aí está refletido o binômio que constitui o alicerce da personalidade e da obra de Ulpiano Vázquez durante todas as décadas em que trabalhou como professor de teologia: trata-se do binômio teologia – exercícios espirituais. Ou melhor, dos exercícios espirituais como fonte inspiradora e fecundante da teologia.

Nisto ele se aproxima muito de outro grande jesuíta e teólogo, o alemão Karl Rahner, seguramente o maior teólogo católico do século XX. De Rahner, seu biógrafo e um dos principais conhecedores de seu pensamento, Herbert Vorgrimler, afirma que *“correspondendo ao interesse dos ouvintes e leitores, Rahner partia das experiências das pessoas, em que buscava vestígios das experiências de Deus. Sempre que possível, abria mão do jargão da teologia acadêmica. Ele não queria dizer coisas novas, mas também não dizer coisas antigas de maneira antiga, e sim dizer o antigo de maneira nova. Para ele, os escritos espirituais eram mais importantes do que seus tratados teológicos.”*¹

E em se tratando de Rahner esses “escritos espirituais” que são a fonte primordial de sua teologia são sem dúvida os exercícios de Santo Inácio. Uma vez perguntado se Santo Inácio não teria sido determinante com

¹ VORGRIMLER, Herbert. *Karl Rahner, a vida em busca de Deus*. Entrevista concedida ao IHU - online. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5541&secao=446> Acesso em: 15 out. 2015.

sua espiritualidade da onipresença de Deus e com sua ética teológica da decisão, Rahner respondeu: “Sem dúvida! Atrás de tudo o que fiz sempre houve um interesse pastoral e espiritual muito direto. E aqui gostaria de acrescentar que espero ter permanecido de algum modo fiel à espiritualidade inaciana de minha Ordem.”

Assim também com Ulpiano. Os Exercícios são sem dúvida a fonte de água viva e pura de onde brota sua teologia, seu carisma docente, seus critérios de pesquisa, seu tino pastoral. Os Exercícios são sua primordial e ardente paixão, o centro candente de onde brota seu pensamento amplo, profundo e preciso. Seu MAGIS. Com ele, Ulpiano, tive a graça de trabalhar muitas vezes dando Exercícios. Impressionava-me constatar como cada vez, dando as mesmas meditações e contemplações, jamais se repetia. Sempre havia algo novo, inusitado, um ângulo diferente e original descoberto e partilhado para que outros o descobrissem.

Nos últimos anos, durante os quais fomos muitas vezes a Cuba, a convite do querido amigo Benjamin González Buelta SJ, pude ouvi-lo e aprender com ele essa teologia refinada e vital que jorrava de sua vivência dos Exercícios. E depois vê-lo debruçado sobre uma mesa lendo por enésima vez um mesmo parágrafo do livrinho de Santo Inácio – o 5º evangelho, como ele o chama – e escrevendo sobre ele coisas novas e surpreendentes. Benjamin comentava enternecido e brincalhão que parecia estar tirando carne das patinhas de um caranguejo. Nada escapava, o menor resquício ainda tinha suco e mistério a ser revelado.

Por isso não admira que em seu currículo Lattes, Ulpiano haja assinalado como seus três livros mais importantes, além de sua tese publicada pela editora da Universidade de Comillas, os pequenos livros sobre os Exercícios Espirituais que as Edições Loyola publicaram: “A orientação espiritual: mistagogia e teografia” de 2001 e “A contemplação para alcançar amor” de 2005. Ambos estão com as edições esgotadas e têm sido fotocopiados Brasil afora e mesmo mundo afora ajudando a muitos e muitas que trabalham com esse método para encontrar a Deus em sua vida proposto por Santo Inácio.

Sobretudo no primeiro, o Autor criou duas categorias que passariam a ser fundamentais no ministério dos Exercícios e na reflexão teológica sobre eles: mistagogia e teografia. Mistagogia é o processo de iniciação e aprofundamento no mistério que os Exercícios proporcionam àquele ou àquela que os faz e que deve ser delicada e cuidadosamente guiado e conduzido por aquele que dá os mesmos Exercícios. Teografia é a escrita que o Espírito Santo vai gravando na interioridade pessoal daquele que a Ele se abre, levando-o a ser “uma carta de Cristo, escrita não com tinta,

mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, que são os vossos corações, como diz Paulo em 2 Cor 3,3.” É no entrelaçamento da mistagogia e da teografia que o processo dos Exercícios vai acontecendo e a pessoa que faz a experiência vai sendo transformada e conformada a Jesus Cristo, incessantemente contemplado, continuamente discernido através das moções.

Também é de enorme importância o artigo publicado na revista de Itaici em 1996, “Da moção à missão”, onde reflete sobre a inegável dimensão apostólica dos Exercícios e da Espiritualidade Inaciana. Trata-se de um texto seminal, assim como o da Mistagogia e Teografia, que são um marco referencial para aqueles que, cada vez mais numerosos, trabalham com a ferramenta inaciana dos Exercícios a fim de ajudar as pessoas a crescerem espiritualmente.

Quantas pessoas você terá ajudado, Ulpiano caríssimo! Certamente mais do que podemos contar; como na promessa de Deus a Abraão, seguramente acontece em sua vida uma descendência maior “que as areias do mar e as estrelas do céu”. E isso é verdade primeiramente do seu trabalho de docência, mensurável parcialmente nas inúmeras orientações de mestrado e doutorado que você levou a termo. Digo parcialmente porque as sementes que um professor como você planta nas mentes e corações dos alunos não é mensurável e pertence ao conhecimento de Deus apenas, estando inscritas no Livro da Vida. Seu Lattes, – que esperamos que esteja atualizado – objetivamente nos diz que você concluiu a orientação de 43 dissertações de mestrado, entre elas a minha, que constatei com emoção ter sido a primeira; 9 teses de doutorado; 1 supervisão de pós-doutorado; 32 trabalhos de conclusão de graduação.

Sei por experiência própria o grande orientador acadêmico que você é. Exigente, metódico, preciso. Participei em várias de suas bancas, tanto de mestrado como de doutorado e pude perceber de perto a qualidade de seu trabalho ali realizado, as muitas horas de dedicação a cada aluno, a grande inspiração que você e sua pessoa e seu notório e discreto saber devem ter sido para eles e elas.

Porém a coisa se multiplica à potência infinita se passamos das orientações acadêmicas às orientações espirituais. Aí certamente vamos encontrar o Ulpiano não apenas professor, mas mestre em toda a sua plenitude. O Ulpiano não apenas pai espiritual, mas pai maternal que gera a vida nos outros e também a alimenta, a resguarda e dela cuida com carinho e desvelo. Não é possível quantificar quantos filhos espirituais você gerou em seu trabalho apostólico. São certamente muitos mais do que podemos imaginar e dão testemunho anônimo e luminoso da fecundidade de seu trabalho.

Portanto hoje essa “laudatio”, essa louvação que tento pobremente realizar neste momento vai além do Ulpiano professor, aclamado e querido, aplaudido ao final de cada curso, para cujas aulas os alunos disputam a matrícula e a inscrição; além do orientador de teses que não deixa ninguém pelo caminho mas faz cada um e cada uma dar o melhor de si no esforço intelectual e na elaboração teológica. Chega ao Ulpiano mestre. Mestre espiritual, por certo, mas mestre mesmo exercendo sua docência acadêmica. Você, sendo professor, é mestre e não sabe sê-lo de outra maneira. Porque leva a sério a teologia como discurso de atestação, de homologia, inseparável do testemunho da fé e da biografia do teólogo.

Adélia Prado, a poetisa de Divinópolis, grita com seu jeito doido e santo no livro “Solte os cachorros” de 1979: “Onde é que há um mestre no Brasil para que eu lhe beije as mãos?” Eu posso responder-lhe: aqui nesta sala, recebendo a contragosto esta louvação que de alguma maneira arranha sua timidez e modéstia. Aqui neste homem, neste jesuíta espanhol que dedicou a vida ao Brasil e merece o beija-mão pela qualidade de seu trabalho, pela dedicação e empenho com que o realizou. Creio que jamais conheci alguém que conseguisse unir em sua pessoa de forma tão potente e harmoniosa magistério e ministério, teologia e espiritualidade, saber acadêmico e sabedoria espiritual profundos. Sua vasta cultura e seu profundo conhecimento de obras filosóficas, teológicas e literárias sempre abastecia de uma viva seiva seu trabalho fazendo com que a banalidade e a repetição fossem coisas absolutamente ausentes do mesmo e que a originalidade iluminada da fé e da razão resplandessem trazendo perspectivas sempre novas sobre coisas antigas jamais ultrapassadas.

A louvação podia continuar, Ulpiano querido, mas infelizmente vivemos no kronos e importa terminar. Agora você recebe o mais do que justo reconhecimento do título de Professor Emérito por toda essa vida vivida e entregue do apostolado intelectual e do magistério teológico, inseparável do ministério espiritual. Que você possa continuar, com a inteligência que Deus lhe deu e o carisma com que o Espírito o ungiu, a abrir horizontes aos seus alunos e orientandos, conduzindo-os com o refinamento espiritual único que é o seu, de encontro ao mistério do Deus sempre maior.

Retomo Gil e Torquato Neto para terminar:

E assim fiz a louvação
Louvação, louvação
Do que vi pra ser louvado
Ser louvado, ser louvado
Se me ouviram com atenção
Atenção, atenção
Saberão se estive errado
Louvando o que bem merece
Deixando o ruim de lado.